



um conto de
PROMESSAS
de uma VIDA

Um conto
PIRATA

série Consequências

ALINE GALEOTE

Um conto
PIRATA
série Consequências



ALINE GALEOTE

Copyright © 2018 Aline Galeote

Este conto é um complemento de **Promessas de Uma Vida** distribuído de forma gratuita como material de divulgação. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida sem a autorização prévia da autora.

DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Aline Galeote (Adobe Stock - 367265512)

ILUSTRAÇÕES

Designed by Freepik

*Para todas as Mariahs
que me inspiram diariamente
a oferecer o melhor de mim*



*Lincolnshire, 1797 – Propriedade do Conde de
Harrington*

Rees dirigiu-se à cozinha para repassar as instruções da Sra. Huxley para o jantar. Caminhava como alguém acostumado a executar a mesma tarefa todos os dias. Exibia uma expressão apática no rosto que começava a apresentar os impiedosos sinais do tempo. Ocupava a posição de mordomo na propriedade de Lorde Harrington desde que seu pai falecera repentinamente enquanto dormia. Sua família servia aos Montrose há pelo menos seis gerações.

A opinião da criadagem sobre o atual conde variava entre arrogante, impiedoso e intransigível. Se alguém alguma vez utilizara uma palavra positiva para descrevê-lo, Rees desconhecia. Fora testemunha do modo cruel com que Sua Senhoria tratara a falecida esposa, mantendo-a trancafiada e afastada do convívio de seu único filho. Sob suas ordens, Rees a mantivera isolada em uma das alas da casa e fora obrigado a confiscar sua correspondência pessoal. Para mitigar parte da culpa que sentia por ter tomado parte em algo tão monstruoso, atuara secretamente como um facilitador na fuga repentina e desesperada da condessa.

Um Conto Pirata

Na noite em questão, Rees se encontrava em um dos corredores do primeiro andar, certificando-se de que os criados não haviam deixado nenhuma vela acesa. Da janela, avistou Lady Harrington nos jardins com o segundo filho recém-nascido nos braços. Sua irmã, que chegara a tempo de assisti-la em sua recuperação após o nascimento da criança, caminhava ao seu lado carregando o que parecia ser um baú com os pertences de ambas. Enquanto observava as duas mulheres percorrerem a pé a longa distância que separava a casa dos portões da propriedade, Rees desejou – *de fato desejou* – que a condessa encontrasse a verdadeira felicidade longe da tirania de seu marido.

Ora! Poderia ter dado o alarme da fuga, não poderia? E fora obrigado a suportar o descontentamento de Lorde Harrington quando este tomara conhecimento de que sua esposa o havia abandonado sob sua vigilância. Não era o bastante para amenizar uma consciência culpada – *nada seria* –, mas era o suficiente para que conseguisse conviver com as consequências de seus atos.

Livrando-se dos embaraçosos pensamentos sobre o passado, Rees se concentrou na atual incumbência que o aguardava. Ao ouvir seus passos, a cozinheira de Harrington Park ergueu os olhos na sua direção segurando uma longa colher de madeira. Uma nuvem de vapor pairava sobre a cozinha, espalhando um aroma inconfundível de especiarias.

Um Conto Pirata

— O de sempre? — A mulher debruçada sobre uma panela de cobre indagou em um tom de voz desinteressado.

— Sim. — Foi a resposta monótona de Rees enquanto observava a cozinheira voltar a atenção para o molho que borbulhava no calor das chamas.

Desde que a Sra. Huxley viera residir em Harrington Park, atuando como guardiã do segundo filho do conde, que tentavam extrair alguma indicação do que esperava para o jantar. Entretanto, a resposta que recebiam era sempre a mesma: “*Não importa.*”

Era compreensível que apresentasse um comportamento melancólico quando não estava na presença do sobrinho. A Sra. Huxley atravessava um triste momento de luto. Lady Harrington falecera há quatro meses, deixando para trás seu amado filho e uma irmã muito querida.

Os ouvidos de Rees captaram um som quase imperceptível vindo de uma das extremidades da cozinha. Avistou um garotinho de expressivos olhos azuis e cabelos castanhos encolhido atrás da bancada de madeira. Sua mão tateava o ar à procura da bandeja de biscoitos. Rees não conseguiu disfarçar o sorriso ao testemunhar a travessura. Porém, suas feições e sentimentos sofreram uma mudança brusca ao recordar as circunstâncias em que o herdeiro de Lorde Harrington fora trazido de volta ao lar. Damian Montrose era um

Um Conto Pirata

garotinho solitário aprendendo a lidar com as emoções suscitadas pela perda da mãe.

Rees esperou até que tivesse sucesso em seu intento de se apropriar de um biscoito da bandeja para se virar e encará-lo. Os olhos de seu pequeno patrão arregalaram-se surpresos enquanto segurava um punhado de biscoitos na mão direita. Assustado, desviou o olhar para a cozinheira. Ao perceber que esta continuava a trabalhar em seu molho de especiarias, voltou a encarar Rees.

O mordomo piscou um dos olhos na sua direção, procurando ganhar sua confiança. Viu o momento exato em que as feições do garotinho se suavizaram. Um sorriso travesso surgiu em seus lábios enquanto escapava da cozinha sorrateiramente.

No dia seguinte, após dar uma série de instruções ao jardineiro para que transplantasse as rosas brancas para o canto sul do jardim, Rees reencontrou o jovem senhor sentado em um dos bancos do caramanchão de flores na parte traseira da casa. Seus pés balançavam ritmicamente no ar com a impaciência típica das crianças — não possuía altura suficiente para que as pontas de sua bota tocassem o chão. Trazia nas mãos um barco feito de papel. No olhar, carregava sentimentos de solidão e vulnerabilidade.

Uma suave brisa soprou através do campo aberto carregando uma das flores amarelas que enfeitavam o

Um Conto Pirata

caramanchão. Deslocou-se lentamente no ar até cair no banco de pedra, ao lado da figura solitária do garotinho. Com a ponta do indicador, ele a tocou. Um sorriso quebrantado despontou em seus lábios ao esmiuçar as delicadas pétalas.

Rees hesitou antes de decidir abordá-lo. A criadagem tinha ordens diretas de Lorde Harrington para que tivessem o mínimo de contato com o seu filho. Contudo, como poderia ignorar a tristeza nos olhos do jovem patrão?

Decidido a oferecer seu consolo, Rees não tentou ocultar sua aproximação com passos lentos e silenciosos. Do contrário, o teria assustado.

Sua estratégia mostrou-se bem-sucedida. Quando se encontrava a poucos metros de distância, o segundo na linha de sucessão ao título de conde de Harrington ergueu os olhos e o encarou. As feições infantis demonstraram um esperado acanhamento.

Rees sorriu de forma amigável e aguardou até que o menino fizesse o mesmo para se aproximar e dar o próximo passo. Fez uma ligeira mesura na sua direção.

— Bom dia, *sir* — cumprimentou com uma voz aguda, bem diferente de seu tom habitual.

As lembranças — *ah, as dolorosas lembranças!* — entraram sorrateiramente em seu pensamento. Recordou a figura magra e letárgica de Lady Harrington; as lágrimas escorrendo por seu rosto enquanto se

Um Conto Pirata

recusava a comer em sua prisão de ouro. Os olhos azuis do garoto eram da mesma tonalidade do conde. Porém, o formato ligeiramente amendoado era a imagem e semelhança dos olhos da mãe. Rees sentiu o peso esmagador da culpa enquanto aguardava por uma resposta.

— Bom dia.

O cumprimento de *Sir* Damian veio em um tímido sussurro. Os pequeninos dedos agarraram com força as laterais do barco de papel. As pétalas arrancadas das flores jaziam ao seu lado no banco de pedra.

— Uma linda manhã, não concorda? — Rees manteve as mãos às costas enquanto erguia o olhar para o céu, incomumente azul e ensolarado.

O garoto deu de ombros com uma aparência abatida. Rees inclinou-se na sua direção.

— É um barco de papel que tem nas mãos? — Tentou uma pergunta diferente, expressando-se com entusiasmo.

— Sim. — A sombra de um sorriso surgiu nos lábios da criança, desaparecendo ao pronunciar as próximas palavras: — Tia Jane não quis visitar o lago esta manhã.

Rees empertigou o corpo e o observou em silêncio. Havia passado em frente à sala de visitas particular da família e ouvira o pranto angustiado da Sra. Huxley. Era mais um *daqueles dias* em que a dor causada pela

Um Conto Pirata

ausência de sua irmã sobrepujava os cuidados com o sobrinho.

Uma nova flor amarela desprendeuse do caramanchão. Em silêncio, Rees a observou se deslocar lentamente através do ar seco da primavera. Seguiu uma trajetória em zigue-zague até tocar o rosto do garoto. O jovem patrão franziu o nariz de um modo engraçado antes de rir com alegria e apanhar a flor entre as mãos. O barco de papel foi momentaneamente esquecido em seu colo.

— Mamãe está feliz hoje. — Damian sorriu para Rees e depositou a flor ao lado da outra.

O mordomo tentou esconder a expressão de espanto, porém, o filho do conde era mais observador do que imaginava.

— É a forma como mamãe se comunica — explicou encabulado, voltando a balançar os pés inquietos. — Através das flores e do vento. Lírios amarelos eram os seus preferidos. Quando me sinto sozinho, venho vê-la.

Uma umidade inconveniente surgiu nos olhos de Rees. Clareou a garganta antes de se dirigir ao herdeiro de Sua Senhoria.

— Gosta de histórias de piratas? — indagou, jogando outro olhar ao barco de papel.

Sir Damian concordou com um aceno.

— Certamente está familiarizado com a história de sua família e um famoso pirata dos sete mares.

Um Conto Pirata

Os olhos da criança brilharam enquanto sacudia a cabeça em uma negativa.

— Gostaria de ouvir a história?

— Por favor, Sr. Rees!

Em sua empolgação, *Sir* Damian aproximou-se da beirada do banco. As pontas de suas botas finalmente tocaram o chão.

Rees sorriu consigo mesmo e pensou por um instante. Não deveria ser difícil contar uma história de pirata a uma criança. Buscou em sua memória algo que pudesse ajudá-lo, recordando as passagens secretas que existiam na casa ancestral da família Montrose. Provavelmente, haviam sido construídas em uma época em que a ameaça de cercos a uma propriedade era inevitável.

— Há muito, *muito* tempo, existia um pirata que assolava os sete mares. Diziam que era um homem impiedoso e que construiu sua fortuna pilhando os navios que ousaram atravessar seu caminho.

— Ele tinha uma barba? — *Sir* Damian o interrompeu.

— Oh, sim! Uma barba espessa e escura como o carvão. — Rees fez um gesto em seu queixo, puxando os dedos para baixo para demonstrar o tamanho da barba do pirata.

— Qual era o seu nome?

Foram necessários alguns segundos de reflexão para que chegasse a um nome convincente.

Que seu falecido pai o perdoasse!

Um Conto Pirata

— Edgar Grant — respondeu, acrescentando ao nome de batismo de seu pai o sobrenome do padeiro do vilarejo. — O infame pirata tornou-se amigo do primeiro conde de Harrington. Tornaram-se tão próximos que o cavalheiro concedeu parte de sua mansão a Grant para que guardasse seus tesouros.

Os lábios do menino se abriram e seus olhos se arregalaram de entusiasmo.

— Existem tesouros escondidos em Harrington Park?

— Seu olhar desviou-se para a construção às costas de Rees.

Oh, bem! O que diria agora?

— Receio que os tesouros foram perdidos com o tempo. — A decepção tingiu as feições de *Sir* Damian. — Creio que ainda não mencionei os túneis secretos.

O interesse do garoto foi renovado como mágica.

— Túneis secretos?

Rees sorriu.

— O conde construiu passagens secretas para que Edgar Grant conseguisse transportar seus tesouros caso precisasse escapar das autoridades.

— Seria possível... — *Sir* Damian começou com entusiasmo e então desviou o olhar para as próprias botas, guardando as palavras não pronunciadas. Uma clara demonstração de que não queria se decepcionar uma vez mais.

Um Conto Pirata

— Gostaria de conhecer as passagens secretas? — Rees indagou, observando satisfeito o sorriso e a resposta positiva à sua pergunta.

Liderou o caminho até a galeria de retratos em que estava localizada uma das entradas para os túneis subterrâneos. Munido com uma lamparina, bateu a extensão da parede até encontrar uma minúscula alavanca. Após acioná-la, empurrou com a força de um dos ombros a parede giratória até surgir espaço suficiente para que os dois entrassem na estreita passagem.

— É mesmo verdade, Sr. Rees! — Damian sorriu com toda a sua ingenuidade de menino enquanto o mordomo espanava uma teia de aranha do caminho.

A passagem era fria, escura e poeirenta. Não conseguiram atravessá-la sem que alguns espirros e pigarros na garganta fossem ouvidos. Rees pediria as criadas da limpeza para que retirassem cuidadosamente toda a sujeira do interior cavernoso. Suspeitava que as passagens se tornariam o principal atrativo da casa para o jovem patrão.

— Conte mais histórias sobre o pirata Edgar, Sr. Rees.

A voz entusiasmada do garoto tirou o mordomo de seus pensamentos sobre baldes de água e remoção de teias de aranha.

— Vejamos. — Considerou brevemente a questão enquanto atravessavam a passagem escura. — A fortuna

Um Conto Pirata

de Edgar Grant tornou-se tão valiosa que despertou a fúria do Rei e a cobiça de seus colegas de profissão. Diziam que tinha um estilo de combate implacável e que usava um sabre de oitenta centímetros preso à uma faixa de seda vermelha em sua cintura.

— Ele tinha um dente de ouro, Sr. Rees?

— Um dente de ouro, sim. E levava uma corrente de prata no pescoço, lembrança de sua querida Elise.

Deveria ser uma blasfêmia acrescentar a mulher que um dia amara à um conto de pirata. Rees preferiu encarar o fato como uma homenagem.

— Quem era Elise?

— Uma jovem atendente de taverna por quem Edgar Grant caiu de amores — respondeu, atribuindo à homônima de sua amada uma profissão adequada à história que contava.

— Ela era bonita?

Rees sorriu, recordando os cachos macios e loiros de Elise e a covinha que aparecia em sua bochecha esquerda sempre que sorria. Havia partido cedo demais, levada por uma febre inesperada que carregara sua alegria e vontade de viver. Permanecera ao seu lado até que dera o último suspiro e seguiria sendo fiel a sua lembrança enquanto vivesse.

— Muito bonita. Seus olhos eram da cor da relva molhada após uma tempestade de verão — assegurou com a voz embargada por nostálgicos sentimentos.

Um Conto Pirata

Limpou um pigarro inconveniente da garganta e prosseguiu com sua história de pirata. — Como eu dizia, Grant havia despertado a cobiça de seus colegas e a inveja de seus seguidores. Toda a fortuna que possuía não foi suficiente para livrá-lo de seu triste fim.

— O que aconteceu? — *Sir Damian* indagou com a voz preocupada.

— Seus seguidores o traíram. Grant foi capturado e morreu na forca por seus crimes.

Sua resposta provocou um silêncio reflexivo no garoto enquanto contemplava o trágico desfecho.

— Podemos procurar seu tesouro — sugeriu após um tempo. — O que acha, Sr. Rees?

— A ganância não é recompensadora — o mordomo respondeu com severidade. — Ainda resta uma parte da história de Edgar Grant a ser contada. Muito, muito tempo depois, o terceiro conde de Harrington ficou obcecado com a possibilidade de encontrar tesouros escondidos na propriedade, supostamente deixados por seu ancestral e seu amigo pirata. Um dos criados, que era pouco mais de um menino na época em que o pirata frequentava esta casa, alertou o conde para que não desse seguimento ao plano. Antes de morrer na forca, Edgar Grant amaldiçoou todos aqueles que fossem gananciosos o bastante para procurarem seu tesouro. O conde preferiu ignorar a advertência. Quando encontrou uma das aberturas secretas foi atingido na cabeça por uma

Um Conde Pirata

tora de madeira que o deixou desacordado por um dia inteiro. Foi o primeiro aviso do além enviado por Edgar Grant. Entretanto, a ganância falou mais alto e o conde prosseguiu com a busca. Até o dia em que, cansado de tantos infortúnios estranhos em sua vida, ateou fogo na ala oeste dizendo que o tesouro era amaldiçoado. Teve um triste fim, o conde ganancioso.

— O que houve, Sr. Rees?

Rees parou ao lado de uma parede. Havia chegado ao destino. Porém, antes de revelar a entrada para a sala retangular que os aguardava, ele virou o corpo para trás e ergueu a lamparina na altura do rosto.

— O conde sofreu uma queda com seu cavalo e encontrou a morte aos pés de um desfiladeiro — proferiu as palavras sinistras com um toque de morbidez na voz.

— Oh! — Foi a exclamação espantada do garoto.

Estranhamente, Rees não se sentia culpado por atribuir tão maus atributos a um descendente de Lorde Harrington.

— Um pescador que passava no local na hora do acidente jurou ter visto um cavaleiro sem cabeça empurrar o conde para a morte certa. — Fez uma pausa dramática antes de acrescentar: — Um cavaleiro que usava uma faixa de seda vermelha na cintura e brandia um grande sabre em sua mão.

Rees observou os olhos arregalados de *Sir Damian*.

Teria ido longe demais em sua fantasiosa narrativa?

Um Conto Pirata

Os lábios do garoto se abriram em um sorriso eufórico.

— Sr. Rees, essa é melhor história de pirata de todos os tempos!

Sua alegria infantil era contagiosa. Não era necessário um esforço grandioso para vê-lo sorrir. A partir daquele momento, Rees tomou como missão pessoal assegurar que o segundo filho de Lorde Harrington não se sentisse tão solitário e miserável como sua mãe. O protegeria de todos os infortúnios que, porventura, cruzassem seu caminho e trataria de estimular sua imaginação sempre que possível. Desse modo, talvez aliviasse os fardos de sua culpada consciência.

Rees liberou a passagem para a sala retangular e observou a tímida exploração do garoto enquanto acendia as tochas presas à parede. Não havia muito a ser visto além de um mostruário antigo de pernas finas, uma cadeira com estofamento puído no canto extremo esquerdo e uma tapeçaria parcialmente destruída pendurada na parede leste.

O menino ergueu a tampa de vidro do mostruário e analisou o interior vazio. Em seguida, agachou-se e inspecionou atentamente o chão de pedra à procura de tesouros escondidos. Acabou por encontrar uma caixa de madeira encostada na parede. Abriu-a com expectativa, mas nada encontrou.

Rees aproximou-se com um olhar compreensivo e paternal. O filho do conde o encarou com os lábios

Um Conto Pirata

apertados, os ombros estreitos caídos em uma postura que evidenciava sua decepção.

— Esperava encontrar ao menos um deles — murmurou tristemente, ecoando a esperança perdida.

O mordomo não precisou perguntar a que se referia. Tocou a caixa de madeira, passando as pontas dos dedos no entalhe gravado em sua tampa. Uma representação fiel ao brasão da família Montrose.

— Por que não começa uma coleção com seus próprios tesouros? — sugeriu.

— Não tenho tesouros — resmungou o garoto, chutando de modo inconsciente o chão de pedras abaixo de seus pés.

— Tem certeza? — Rees insistiu. — Não há nada valioso a ser guardado em seu esconderijo?

O pequeno ergueu a cabeça e o encarou surpreso.

— *Meu esconderijo?* — perguntou em um sussurro como se a ideia fosse grandiosa demais para ser concebida.

Rees sorriu.

— Estou certo de que Sua Senhoria não se importaria se transformasse este espaço em seu esconderijo.

Com a tristeza dominando suas feições, o garoto baixou o olhar para a caixa de madeira ao ouvir a menção ao pai. Lorde Harrington não fizera questão alguma de conhecer o próprio filho, abandonando-o na propriedade assim como fizera com a condessa.

Um Conto Pirata

— Pense em um tesouro que seja digno de proteção. — Rees tentou retornar ao assunto anterior para afugentar a melancolia do menino.

Sir Damian franziu a testa com um ar pensativo. Após considerar a sugestão do mordomo, colocou a mão dentro da abertura da camisa e exibiu uma fina corrente prateada com um singelo diamante preso ao pingente. Rees aguardou em silêncio enquanto o jovem patrão contemplava o objeto.

— Pertencia a minha mamãe — explicou, o abatimento e o abandono refletidos em sua voz. — Peguei de sua caixinha de joias sem que tia Jane visse. — Hesitou por um instante antes de encarar o mordomo. — Foi errado o que fiz, Sr. Rees?

Pela segunda vez no dia, Rees sentiu a incômoda umidade em seus olhos. Colocou gentilmente a mão sobre o ombro do filho do conde e meneou a cabeça, esperando que o gesto bastasse. Não conseguia encontrar as palavras certas para acalotá-lo. Era solidário a sua dor, mas jamais seria capaz de compreendê-la com o significado que merecia.

O garoto voltou a atenção para o objeto que tinha nas mãos. Após um momento de incerteza, retirou o colar do pescoço e o guardou com cuidado no interior da caixa de madeira.

— Não prefere mantê-lo com você? — Rees conseguiu perguntar apesar do nó que sentia na garganta.

Um Conto Pirata

Sir Damian balançou a cabeça em uma negativa.

— Eu o perderia. — Deu de ombros antes de continuar:

— Antes de cair no sono eterno, mamãe disse que entregaria o colar aos meus cuidados. Foi por esse motivo que o peguei, Sr. Rees. Acho que tia Jane perdoaria meu erro se soubesse. Mamãe disse que ficaria feliz se eu entregasse o colar como um presente para a garota que se tornasse minha... *esposa*. — Seu rosto se contorceu em uma careta de desagrado. — Garotas são estranhas. Não desejo me casar com uma delas, Sr. Rees. Ainda que sejam tão bonitas quanto Elise e tenham olhos da cor da relva.

O mordomo riu, divertindo-se com sua ingenuidade.

— Mudará de ideia, *sir*.

O garoto o encarou com uma expressão de desdém, certo de que estava equivocado. Seus dedos magros fecharam a caixa de madeira, encerrando o precioso colar.

— *Nenhuma* garota usará o colar da mamãe — proferiu as palavras com convicção, o ciúmes perceptível em sua voz.

Rees desistiu de provocá-lo. Chegaria o dia em que garotas deixariam de ser estranhas para se tornarem o centro de seus pensamentos e desejos.

Antes de se retirarem do local que viria a se transformar no esconderijo do herdeiro de Lorde

Um Conto Pirata

Harrington, Rees mostrou-lhe as outras duas entradas disponíveis. Uma delas conduzia até a sala de visitas do segundo andar. A outra alcançava a cozinha.

O sorriso espirituoso do garoto deixou evidente quais eram as suas intenções: usaria o túnel cavernoso para entrar nas dependências sagradas da cozinheira sem que pudesse ser avistado.

Com um último olhar para a sala retangular, que em sua imaginação servira de esconderijo para um pirata desalmado, Rees fez uma *promessa* de que sempre haveria um prato de biscoitos esperando pelo jovem patrão na reentrância da parede da cozinha.

Fim

UM RECADO PARA O LEITOR

Quando coloquei em **Promessas de Uma Vida** a duvidosa história de um pirata, já conhecia os bastidores da criação deste conto fantástico.

No entanto, não era minha intenção trazê-lo ao mundo. Seria um pequeno segredo que somente eu, o Sr. Rees e Damian conheceríamos.

Até o dia em que resolvi fazer um sorteio em minha fanpage onde perguntei qual era o nome do pirata que aparecia no livro. Três pessoas responderam de forma correta, mas uma delas chamou minha atenção por também ter mencionado o sobrenome do pirata. Quando chamei a Mariah Rabelo no privado para pegar o seu endereço, fui novamente surpreendida por sua declaração de que amara **Promessas de Uma Vida** e de que se emocionara com a história que eu havia criado. Meu livro havia tocado seu coração, de acordo com suas palavras.

Para um escritor — e hoje posso riar com propriedade sobre ser uma escritora independente neste país com as suas alegrias e dissabores — não há nada mais recompensador nessa difícil trajetória do que ter o

Um Conto Pirata

conhecimento de que sua criação tocou de forma tão bela seus leitores.

Senti a necessidade de retribuir não só a Mariah, mas todos aqueles que leram e se emocionaram com **Promessas de Uma Vida**. O modo que encontrei foi escrevendo sobre este segredinho que existe entre o Damian e o Sr. Rees.

Espero que gostem deste singelo conto e que continuem a incentivar nossos autores nacionais.

Deixe-os saber as emoções que suas obras despertam.

Quem sabe não somos inspirados a escrever novos contos e novas histórias?

Um grande abraço!

Aline Galeste